

A TRADUÇÃO DE TERMOS PSICANALÍTICOS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS EFEITOS DE TRADUÇÃO NA TRANSMISSÃO E NA CONCEITUAÇÃO DA PSICANÁLISE*

Érica Luciene Alves de LIMA

RESUMO *Esta dissertação tem como ponto de partida a tradução de um texto psicanalítico de Martin Thom (1981): Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: uma questão de interpretação em Freud, na qual se discute a utilização de vários termos para designar um mesmo conceito e as implicações disto para a psicanálise. A tradução não só permite que percebamos essa multiplicidade de traduções para um termo psicanalítico como tem um papel fundamental para a discussão da conceituação da psicanálise. Mediante a análise de críticas às traduções psicanalíticas, este trabalho se propõe a considerar a tradução da psicanálise a partir de determinadas peculiaridades, caracterizada por um entrelaçamento entre o poder das instituições, a postura de alguns psicanalistas perante a tradução e sua preocupação com a organização conceitual. O objetivo final se constitui em empregar a investigação das fissuras proposta por Thom à tradução e ao mesmo tempo relacionar essas fissuras ao noyau, de Nicholas Abraham, e ao espaçamento, de Jacques Derrida. A pertinência desta dissertação se faz sentir na medida em que se propõe a considerar a tradução como fundamental para o desenrolar da psicanálise e a própria psicanálise como possibilitadora desta influência da tradução, a partir de suas várias leituras, interpretações e desenvolvimentos.*

ABSTRACT *This dissertation starts off with the translation of a psychoanalytic text by Martin Thom (1981): Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: a problem in the interpretation of Freud, in which we discuss the use of various terms do designate the same concept and the implications of this for psychoanalysis. The translation not only shows us this multiple usage but also how it plays a fundamental role in the discussion of psychoanalytic concepts. Through an analysis of criticisms of psychoanalytic translations, this work proposes the consideration of the translation of psychoanalysis starting with individual characteristics, such as the interconnection between the power of institutions, the position of some psychoanalysts concerning translation and their*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 22 de Julho de 1996, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Ottoni.

concern with conceptual organization. The final objective consists of using the investigation of fissures in translations as proposed by Thom and at the same time relating them to the noyau of Nicholas Abraham and the espacement of Jacques Derrida. The pertinence of this dissertation is evident in the consideration of translation as a basic to the development of psychoanalysis and psychoanalysis itself as the starting point for this influence of translation starting with its various reading, interpretations and developments.

A tradução do texto de Martin Thom (1981): *Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: a problem in the interpretation of Freud* e algumas problematizações decorrentes desta tradução são o ponto de partida da dissertação. Ao pesquisar os termos envolvidos, observei que havia a possibilidade de utilização de duas ou mais palavras para designar um mesmo conceito, e que a opção por uma ou outra trazia conseqüências para a interpretação do texto. Este fato pode parecer corriqueiro, já que ocorre em qualquer tradução, mas por se tratar de um texto psicanalítico vai exigir que esse momento de decisão, de escolha, reflita-se no próprio ato de traduzir, porque estão em jogo não só questões conceituais, como também questões de transmissão da psicanálise que envolvem ainda o campo institucional.

O texto que desencadeou estas reflexões aborda questões de tradução relacionadas aos conceitos freudianos partindo da afirmação de que as traduções inglesas e francesas obscureceram seus sentidos, uma colocação importante, já que parte da premissa de que as traduções de Freud não são satisfatórias.

Os aspectos relacionados à tradução, discutidos por Thom, passaram a fazer parte da minha tradução, na qual acabei por enfrentar outros problemas que sobrepujaram aqueles já discutidos. Durante todo o trabalho foi necessário fazer opções, decidir por uma palavra ou por outra, como ocorre em qualquer tradução; entretanto, os fatores subjacentes à tradução de textos psicanalíticos fizeram com que considerássemos outros aspectos.

Devido ao fato de Thom fazer citações da **Standard Edition**, considerei, em primeiro lugar, a hipótese de seguir a **Edição Standard Brasileira**, mas essa opção logo me pareceu insatisfatória, principalmente porque as publicações mais recentes utilizam termos diferentes daqueles utilizados por aquela que deveria ser a “edição padrão”. Além disso, em certos momentos, Thom segue Lacan, cujas escolhas muitas vezes diferem da **Standard Edition**, como no caso da tradução de *Verneinung*.

A questão da tradução apresentada por ele não se limita à multiplicidade de termos designando o mesmo conceito: abrange não só o conceito visado, como também os demais que a ele se entrelaçam, formando sua rede conceitual.

É importante ressaltar que o fato de procurarmos nos envolver com a questão da tradução na psicanálise não impediu que realizássemos a tradução, porém, levou-nos a refletir sobre ela, ou seja, passamos a não limitá-la apenas ao texto em si, mas a abranger também o emprego dos termos e dos conceitos na psicanálise. Além disso, a própria problemática da conceituação passou a ser vista não de forma desvinculada,

mas levando em consideração as instituições psicanalíticas a que se destinam as traduções e seu papel na transmissão da psicanálise.

Ao abordarmos a questão da tradução do texto psicanalítico, consideramos necessário relacionar a esta abordagem a própria questão de como se vê a tradução na psicanálise. Partimos dos comentários de psicanalistas como Mahony, Péraldi, Jean Laplanche e Bruno Bettelheim, que tratam de questões tradutórias da obra freudiana, apresentando, muitas vezes, um entrelaçamento entre suas concepções do que é psicanálise e do que é tradução. Incluímos, também, textos de tradutores como Marthe Robert, Marilene Carone e Paulo Souza, que não se limitam a justificar suas opções por determinada tradução baseados apenas em aspectos terminológicos, mas buscam legitimar suas escolhas recorrendo a Freud, seja em termos de resgate do original, seja recorrendo às intenções do fundador da teoria ao usar uma palavra.

A importância do resgate do que estaria no texto de Freud ao lado de uma determinada concepção de tradução, considerada no interior da psicanálise, levam a uma busca da fidelidade mais complexa em relação a outros textos traduzidos. Outra especificidade desta busca nos textos psicanalíticos parece estar no fato de algumas traduções serem enquadradas como “legítimas”, enquanto outras não, e desta legitimidade ser conferida por uma instituição específica, a *Associação Internacional de Psicanálise (IPA)*. Apesar disso, outros termos, utilizados por outras sociedades, também são considerados fiéis a uma determinada visão que se tem do texto de Freud e da psicanálise.

Muitas vezes, essa grande multiplicidade de traduções propostas para um texto psicanalítico decorre das posturas assumidas por psicanalistas/tradutores em relação à tradução de Freud: há sempre uma preocupação com a organização conceitual, com o contexto em que o termo foi empregado, que complementa a questão propriamente terminológica. Entre os termos considerados “problemáticos” para a tradução, podemos citar o caso de *Verneinung e Trieb*, escolhidos entre vários outros do texto de Thom, principalmente devido ao fato de serem bastante citados em estudos sobre a tradução psicanalítica e de demonstrarem as influências inglesa e francesa agindo na tradução.

Temos pelo menos três termos que designam a operação de *Verneinung*: *negativa*, *negação* e *denegação*. Escolher um deles implicará determinados fatores, isto é, como afirmam This e Thèves: optar por *negação* é escolher a versão oficial, ao passo que escolher *denegação* é seguir a sugestão de Lacan e Hyppolite, aceita por outros grupos.

No caso de *Trieb*, Thom assume a utilização de *drive (pulsão)* (cf. p.172) como a opção correta, sem demonstrar qualquer preocupação na distinção entre *drive/instinct*, o que pode indicar que ele considera este caso resolvido, não apresentando qualquer questionamento, o que não ocorre em relação aos demais termos tratados.

Para Thom, a tradução passa a fazer parte de uma questão maior, a da ordenação conceitual, que ele pretende entender melhor recorrendo à investigação das *fissuras*. Esta questão perpassa seu texto, mas não abrange a tradução; ou seja, há uma preocupação que diz respeito à ordenação dos conceitos e que terá conseqüências para a tradução, entretanto, não há uma análise do que a investigação das *fissuras* pode representar para a tradução. Nossa proposta é deslocar essas *fissuras*, fazendo-as vigorar entre os conceitos psicanalíticos e a tradução.

Com o objetivo de analisar a questão tradutória a partir das *fissuras*, recorreremos, a princípio, às críticas dirigidas principalmente à **Standard Edition**, não só pelo fato de ser o “original” da nossa edição da obra de Freud, como também por ser abordada por Thom. Em seguida, apresentamos algumas características da edição francesa, de forte influência em textos psicanalíticos mais recentes, inclusive no texto que estávamos traduzindo.

No prefácio da **Standard Edition**, Strachey já alerta para os *inevitáveis erros e tropeços* que um trabalho pioneiro como o seu pode acarretar, e afirma que a decisão final da tradução sempre foi sua, e sobre ele deveria sobrevir toda a responsabilidade pelos erros que o tempo revelaria (1990:24). Strachey estava, portanto, ciente daquilo que seu trabalho representava e também das mudanças que surgiriam com o tempo, transformando eventualmente os seus acertos em erros. De todo modo, embora ainda estejam em discussão os fatores que direcionaram o trabalho de Strachey e vários questionamentos e críticas lhe sejam dirigidos, ele continua sendo utilizado, e sua terminologia tem o *imprimatur* da *IPA*.

O objetivo da **Standard Edition** era alcançar a aceitação, a internacionalização e a cientificidade, e assim conseguir a respeitabilidade no mundo científico. O “rumo” dado por Strachey à tradução do texto psicanalítico fez com que a psicanálise tivesse uma certa repercussão naquele momento em que a tradução foi realizada. Entretanto, um determinado grupo pode considerar que as condições em que a psicanálise se encontra são outras, diferentes das condições em que a tradução foi realizada, há cerca de trinta anos. A possibilidade dessas diferenças é um dos fatores que proporcionaram o questionamento da validade de se utilizar a mesma tradução de Freud até hoje.

Alguns psicanalistas, ao criticarem a **Standard Edition**, apresentam a questão da tradução dos textos psicanalíticos na França como mais bem trabalhada, citando as vinte e sete traduções do texto freudiano *Die Verneinung* (cf. Pines, 1988:178 e Junker, 1988:218). A tradução freudiana na França, além de apresentar *combates epistemológicos e disputas terminológicas e teóricas* (Michaud, 1988:126), apresenta também questões de conflito institucional e de disputa editorial (cf. Volich, 1989:2), que repercutem sobremaneira nas traduções.

Um aspecto que diferencia a situação francesa de outras línguas européias é o fato de não haver em francês uma edição uniforme e completa das obras de Freud, que poderia servir como tradução de referência (cf. Souza, 1994:6 e Volich, 1989:2), como ocorre com a **Standard Edition** e com os vinte e quatro volumes da **Edição Standard Brasileira**. Assim como todo um contexto histórico favoreceu um determinado desenvolvimento no caso da **Standard Edition**, as circunstâncias que cercaram a psicanálise na França, marcadas principalmente por divisões institucionais, favoreceram um outro tipo de situação.

Tanto no caso da edição inglesa, como no caso das versões francesas, percebemos uma disputa pela autoridade em relação à transmissão do pensamento freudiano, e em relação ao próprio modo de traduzir tal ou tal conceito psicanalítico. Além disso, a *IPA*, como a principal mantenedora de uma estandardização da linguagem freudiana (cf. Steiner, 1988:191), tem o poder institucional de legitimar uma determinada tradução, o que acaba por interferir em outras, como no caso das francesas. Mesmo assim, a *IPA*

não pode impedir que haja ramificações e que outras traduções possam ser usadas. Nesse caso, a tradução aparece como lugar de resistência e de mudança de curso.

Há outros aspectos envolvidos que, no caso da **Edição Standard Brasileira**, podem ser considerados como ainda mais complexos. Ao se traduzir um texto psicanalítico no Brasil devemos somar às características próprias das traduções inglesa e francesa, a influência em textos brasileiros, dessas traduções (da **Standard Edition** e das traduções francesas). De acordo com Souza, *a edição brasileira é lamentável não apenas pela infidelidade ao pensamento, como pela descaracterização do estilo de Freud* (1989a:159). Este julgamento é compartilhado por Carone, que considera a tradução mal escrita, com erros de português, incoerências teóricas, sendo *inteiramente permeada de termos abstrusos*, além da falta de padronização (não é estandardizada), principalmente no caso de títulos, nomes de pacientes e conceitos freudianos básicos (cf. 1989b:168-169).

Desta forma, enquanto há críticas a Strachey por sua padronização, a edição brasileira padece justamente de uma falta de padronização. A crítica é justificável, em casos como o das referências: aparece um termo no índice, remetendo a uma determinada página em que este termo muitas vezes foi traduzido de modo diferente (cf. Carone, 1989a:169).

Há algumas críticas dirigidas à **Standard Edition** que também se aplicam à **Edição Standard Brasileira**, como a questão da cientificidade e da descaracterização do estilo de Freud. Do mesmo modo, haveriam características atribuídas à edição brasileira que podem ser aplicadas a outras traduções da obra freudiana, como o fato de encontrarmos uma *verdadeira Babel Terminológica*, como afirma Carone (1989c:187).

Através dos comentários sobre as traduções inglesa e francesa percebemos que esta *Babel terminológica* também ocorre nestas línguas, mesmo que apresentem características diferentes da **Edição Standard Brasileira**. No nosso caso, a *Babel terminológica* é mais notada devido ao fato de ter sido muito influenciada por outras traduções, como apontou Carone. Se, por um lado, o tradutor pode recorrer às várias traduções existentes, por outro, cada opção tem uma tradição ideológica que pode dificultar a escolha.

As várias opções encontradas durante a tradução de Thom fazem parte, portanto, da psicanálise em geral, e podem também ser encontradas nos textos de Freud: em ambos os casos, cabe ao tradutor decidir. As dúvidas surgidas durante a tradução receberam, então, um outro enfoque. Não bastava optar por um termo ou por outro, havia uma necessidade de saber que fatores estavam interferindo na tradução, e as possíveis conseqüências que ela poderia acarretar.

A partir da própria situação que encontramos em nossa tradução de um texto psicanalítico - situação onde se cruzam as várias traduções possíveis - os múltiplos fatores que cercam a realização dessas traduções e a conseqüente impossibilidade de um sentido único acabaram por nos levar a considerar outros aspectos relacionados à tradução, desenvolvidos principalmente por Rosemary Arrojo (1992).

Partindo de uma concepção que não julga a tradução como secundária, como uma perda, e que não considera o tradutor como aquele que traiu o autor ou o original, passamos a abordar alguns pontos “cegos” dos comentários às traduções da obra

freudiana. Em primeiro lugar, a questão da fidelidade: muitas vezes não se busca apenas ser fiel ao texto, mas ao autor, às suas intenções, ao que ele quis dizer, ao seu estilo. A infidelidade atribuída à tradução de Strachey justifica-se, normalmente, a partir da presença de uma cientificidade que não se encontra no texto de Freud. Novamente a questão se repete: o que é científico para um grupo, pode não o ser para o outro. Além disso, os termos científicos, muitas vezes criticados, passaram a fazer parte do vocabulário utilizado na psicanálise e a argumentação de que representam um distanciamento, ao invés de algo do dia-a-dia, como era o desejado, deixa de ser válida (como é o caso de *id*, *ego*, *superego*).

Ao lado da “cientificidade” criticada na tradução de Strachey, temos a questão da estandardização do texto psicanalítico, que nos leva a questionar a possibilidade de padronização dos termos, a unificação e a conseqüente simplificação do vocabulário utilizado na psicanálise. De todo modo, estamos sempre seguindo regras definidas e aplicáveis a um caso particular: não há uma fórmula “mágica” que faça com que um dicionário ou uma tradução sejam os únicos possíveis, mesmo que seja este o objetivo de seus elaboradores.

A partir das questões surgidas na tradução do texto de Thom, juntamente com as críticas às traduções de Freud, passamos a considerar que a tradução influencia e é influenciada pela organização conceitual na qual a psicanálise se apoia. Entretanto, julgamos que esta organização não está “pronta” em lugar algum, porque, como a tradução, ela depende de alguém que a realize; assim, não há uma única organização de conceitos, pois cada grupo parece ter uma maneira de ordená-los.

Há uma possibilidade de vários termos, mas apenas um será privilegiado naquele momento, naquela tradução, e isso deverá ser levado em conta na própria organização conceitual da psicanálise, na medida em que cada termo desencadeará certas associações com outros, formando uma cadeia de significações.

Observamos que a relação da tradução com a psicanálise não se limita a considerá-la somente como objeto de estudo de uma tradução, principalmente por não podermos desvincular a psicanálise de tudo o que a constitui. Há um entrelaçamento entre a maneira como se considera a tradução a partir da psicanálise e a maneira como a tradução influencia o discurso psicanalítico. Além disso, temos a interferência dos grupos psicanalíticos e do próprio tradutor, enquanto um sujeito que produz o texto. A relação entre o sujeito-tradutor e o texto será sempre o resultado de uma interpretação, a partir de perspectivas do sujeito e das convenções que se dispõe a seguir. Mesmo que o tradutor saiba das mudanças ocasionadas a partir da escolha de um termo, ele não tem o domínio do que produz, isto é, seu texto poderá gerar várias interpretações, sem que ele controle o que ocorrerá com o discurso psicanalítico que produziu.

Em **Gramatologia**, Derrida (1973) propõe a *de-sedimentação*, a *desconstrução de todas as significações que brotam da significação de logos*, principalmente a significação de **verdade** (cf. p.13) e questiona os alicerces nos quais se funda uma tradição denominada, por ele, *logocêntrica*, que acredita em uma verdade independente do homem, em um *logos* como origem de todas as significações.

Ao trazermos as reflexões de Derrida para a tradução, um dos principais pontos para a nossa abordagem é a impossibilidade de uma distinção clara e objetiva entre sujeito e objeto, e a conseqüente produção de sentidos pelo sujeito, que deixa de ser considerado o “receptor”: *o passivo decodificador de significados idealizado pelo logocentrismo passa a se conscientizar de sua interferência autoral nos textos que lê*

(Arrojo, 1992:38). O texto “original” tratado aqui difere, portanto, de como é considerado, por exemplo, por Souza, Carone, Bettelheim e Thom, pois representa não só o texto do qual se parte, que será influenciado por vários fatores, principalmente pelo sujeito-tradutor, mas o novo texto que será produzido e sofrerá tantas interferências quanto o “original”.

A tradução só pode ser transformação, embora nem sempre seja vista desta forma, como notamos no desejo de recuperar o texto “original”, no caso do texto psicanalítico devido a características específicas: não se trata somente da questão da conceituação, ou do poder das instituições, ou ainda de como uma determinada concepção de tradução direciona as críticas apresentadas, mas tudo isso considerado a partir do nome de Freud. Qualquer comentário às traduções, assim como qualquer justificativa, sempre parte do que se entende daquilo que se originou em Freud, seja tentando recuperá-lo, seja desenvolvendo um “retorno” pela diferença, como ocorre com Jacques Lacan.

Em relação à leitura-tradução dos *Grundwörter* freudianos feita por Lacan, uma afirmação do **Seminário 17** a respeito do termo *Trieb* nos interessa particularmente, pois corrobora o que estamos considerando como *funcionamento do discurso psicanalítico*. Lacan declara, em relação à tradução de *Trieb* por *instinto* que *não é sem razão que esses deslizamentos se produzem*, e mesmo não aceitando esta tradução *aberrante*, podemos *tirar algum proveito dela*, no intuito de *lembrar o que, no discurso de Freud, a torna habitável*, e possibilitar que *esse discurso seja habitado de outra maneira* (1992:14).

A afirmação de Lacan confirma o fato de que a própria obra freudiana possibilita várias leituras, das quais a sua é apenas uma das leituras possíveis. Embora Lacan pudesse trazer respostas à questão da tradução, optamos por não seguir seu caminho, uma vez que seu trabalho ultrapassa o escopo das discussões sobre tradução que estamos propondo, principalmente porque recorreremos à tradução enquanto ponto de partida. Mesmo que algumas concepções psicanalíticas façam parte de nossas reflexões, estamos privilegiando os efeitos da tradução na psicanálise a partir da tradução, e o contrário seria recorrer à psicanálise para tratar da tradução, ainda que haja uma interdependência desses caminhos; especialmente porque os comentários às traduções têm como pano de fundo concepções psicanalíticas, tanto no emprego da tradução por Freud como no resgate de suas intenções.

As diferentes traduções podem ser vistas como conseqüências do fato de que cada uma é resultado de uma leitura e de uma interpretação feitas sob determinadas circunstâncias, o que ocorre também com a tradução de uma tradução, ou com uma revisão das obras de Freud: dependendo das condições, pode surgir um novo texto, um “original”. Como coloca Derrida (1982) : *quando uma tradução é retraduzida (...), se ela tem a força de um acontecimento, torna-se um original; há sempre uma estrutura “original-tradução”, mesmo se as traduções são retraduzidas* (p.195).

A tradução, enquanto produção, permite que um termo psicanalítico funcione de uma certa maneira no interior do texto, e que este texto tenha um funcionamento em um determinado discurso, mas sempre a partir de uma perspectiva, que pode ser a do tradutor, a do editor, a das associações, escolas ou correntes psicanalíticas, ou uma combinação desses elementos. Para que um texto tenha “força” e funcione como um

“original”, como afirma Derrida, é preciso que se constitua em uma verdadeira produção de sentidos, não como um resgate, mas como uma leitura crítica, engajada em um tempo e lugar: uma transformação de um texto em outro, a partir da qual se pode garantir a sobrevivência do discurso psicanalítico, uma vez que a tradução tem um papel primordial para que haja uma definição de seus próprios conceitos.

Ao buscarmos um esclarecimento para a questão da tradução de psicanálise, a opção mais condizente com a concepção defendida foi recorrer ao próprio Thom, empregando sua proposta de investigação das *fissuras* à tradução, em uma tentativa de aclarar o paradoxo do discurso psicanalítico: a existência da multiplicidade, ao lado de uma busca pela univocidade, isto é, a existência de vários significados, e a escolha por um, que será privilegiado em uma determinada leitura - tornando-se único naquele caso. O termo sobre o qual recaiu a escolha do tradutor desencadeará outras leituras, iniciando um novo processo de significação que, por sua vez, demandará novo lance de dados, dando continuidade ao *jogo*.

Acrescentamos a esse aspecto da tradução psicanalítica o fato de a psicanálise apresentar um “*noyau*” *oculto e inatingível*, cuja *ação pode ser atestada a cada passo por sua resistência em se submeter a uma sistemática enciclopédica*, como afirma Abraham (1995:192-193). A hipótese que apresentamos é a de considerar este *noyau* não como o que não pode ser recuperado, mas como algo que escapa a uma rigidez conceitual, que é constitutivo da psicanálise, e pode estabelecer uma relação entre os conceitos, ou seja, que possui um funcionamento semelhante ao das *fissuras* apontadas por Thom. O *noyau* de Abraham representa, no discurso psicanalítico, algo que não se deixa sistematizar, *aquilo que as palavras não saberiam nomear* (p.212). Na tradução, seria a impossibilidade de uma nomeação unívoca, de um termo conter todas as significações possíveis.

O sentido é produzido a partir do encadeamento existente entre os termos que fazem parte de uma cadeia de significação, uma vez que nenhum termo significa sozinho, mas a partir das marcas de diferenças em relação a todos os outros termos. Quando Abraham (1995) afirma que o *noyau, invisível, mas atuante, confere seu sentido a toda construção* (1995:194), podemos entendê-lo como algo que permite a produção de sentido e estabelece o entrelaçamento entre os elementos significantes.

A produção de sentidos depende da rede de diferenças, do encadeamento de textos. Para que haja essa produção, a tradução precisa levar em conta as convenções estabelecidas pelas instituições psicanalíticas; do mesmo modo, essas instituições vão fazer uso das traduções, e os encadeamentos de sentido que forem formados acarretarão determinado efeito no discurso psicanalítico, podendo ou não ser modificado, implicando novas traduções. A própria organização conceitual da psicanálise passa por mudanças acompanhando as transformações que ocorrem com as traduções.

As *fissuras* na tradução dos conceitos psicanalíticos aparecem, então, como uma impossibilidade de organização totalmente fechada, como algo que pode explicitar as relações entre eles, mas não resolvê-las de forma unitária. Elas podem ser vistas como parte da psicanálise, na qual há *descontinuidades e emaranhados*; e não é possível uma *sistematização enciclopédica*, o que pode ser evidenciado pela possibilidade de várias traduções, ou seja, na tradução a não sistematização torna-se mais aparente, uma vez que

é preciso traduzir esta descontinuidade. Deste modo, propomos o entendimento do “*noyau*” apresentado por Abraham como as *fissuras* apresentadas por Thom, considerando-os como a “engrenagem” que falta para que ocorra a significação.

Ao considerarmos as *fissuras* como determinantes da produção de sentido na tradução, podemos relacioná-las à noção de *espaçamento* (*pausa, branco, pontuação, intervalo em geral, etc.*) que constitui a origem da significação (cf. Derrida, 1973:83). O *espaçamento* designa a intervenção dos intervalos, o espaço e ao mesmo tempo o entrelaçamento entre os termos.

Se, por um lado, a perspectiva *desconstrutivista* de Derrida proporciona determinadas problematizações e um outro modo de encarar a tradução, por outro, para a *desconstrução* é difícil qualquer definição. Toda conceituação que parta dessas concepções constitui, sempre, uma tentativa, uma vez que não preenche toda a gama de significações (e nem é possível que isso ocorra), além de estar fadada a também ser “desconstruída”.

Uma palavra e um texto possuem uma ampla possibilidade de significação, entretanto, de acordo com o *valor de uso* em questão, de acordo com o *jogo*, isto é, com a possibilidade de *substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito* (Derrida, 1971b:244), evidencia-se a possibilidade de existência de várias traduções para um mesmo termo, uma vez que o contexto muda de uma época para outra e até na mesma época, quando se trata de grupos diferentes. Há uma multiplicidade de traduções, mas isso acontece, principalmente, devido ao próprio funcionamento da organização conceitual da psicanálise, na qual os conceitos são apreendidos não só por aquilo que dizem, mas especialmente por seu entrelaçamento com os demais conceitos.

Seguindo a afirmação de Thom de que é preciso *subverter o resíduo logocêntrico da psicanálise, não por decreto filosófico, mas pela investigação das fissuras que aparecem na ordenação interna de seus conceitos* (1981:171), também é preciso subverter uma determinada concepção de tradução, assumindo-a como transformação, como um novo texto, produzido a partir de uma trama de significações, na qual a construção de sentido acontece a partir das diferenças de um termo em relação ao outro.

Não há um sentido único, totalmente delimitado, pois a própria psicanálise possibilita uma abertura para ângulos diversos: o emprego dos termos e a definição dos conceitos dependerão da construção desses sentidos dentro de um contexto específico. Devido à ausência de um código infalível, podemos dizer que a diferença entre significante e significado nunca é radical e absoluta, e a possibilidade da tradução é limitada, mas não anulada, porque o significante e o significado estão longe de ser aderentes ou idênticos, há sempre uma distância entre eles (cf. Derrida, 1975:30). A não existência de um código imutável, de um centro absoluto, faz com que cada tradução seja feita a partir da possibilidade do *jogo* lingüístico, e das relações entre os indivíduos envolvidos, uma vez que o sentido é produzido no interior de e para um determinado grupo.

A tradução privilegia um dos sentidos possíveis, uma vez que implica sempre uma escolha, possibilitando a transformação do texto de acordo com cada leitura, que sempre deixa margem para outra leitura daquele que é, supostamente, um mesmo texto. Ao lado da possibilidade de transformação, temos a impossibilidade de pregar um significado a

um significante de uma vez por todas. Dessa maneira, como defende Derrida, não há um *significado transcendental*, constituído no *horizonte de uma traduzibilidade absolutamente pura, transparente e unívoca* (Derrida, 1975:30), uma origem absoluta de sentidos: o sujeito constrói os significados baseado em tudo o que o constitui e no *jogo* de diferenças.

Há, então, a possibilidade de coexistência de diversas direções significantes em um mesmo conceito, isto é, várias palavras podem ser usadas, sem que uma esteja mais correta do que a outra, mas cada uma tem um desenvolvimento específico no interior do discurso em que está sendo utilizada. Por isso traduzimos *Verneinung* por *denegação*, favorecendo uma determinada rede de significação, considerada, em nossa leitura, mais adequada ao contexto em que Thom emprega o termo; enquanto Vidal opta por *negação*, como na **Edição Standard Brasileira**, que para ele ilustra melhor o conceito tratado por Freud.

Juntamente com Derrida, podemos afirmar que os elementos se relacionam uns com os outros no *jogo sistemático de diferenças, das marca de diferenças, do espaçamento* (1975:36). *O espaçamento é o não percebido, o não presente, o não-consciente* (1973:83), de acordo com o qual um elemento só funciona e significa a partir do traço inscrito nele de outros elementos da cadeia, sendo necessário um intervalo que o separe daquilo que não é ele próprio. Ainda como afirma Derrida: *espaçamento significa também, justamente, a impossibilidade de reduzir a cadeia a um dos seus elos ou de privilegiar absolutamente um - ou outro* (1975:106).

Na tradução da psicanálise, ao lado do *espaçamento*, constitutivo da produção de sentidos, consideramos as *fissuras*, como um inacabamento do discurso psicanalítico. As *fissuras* são caracterizadas não só pela associação de uma palavra a outras, como pelas diferenças e pela possibilidade de substituição dessas palavras. Podemos recorrer à utilização das *fissuras* por Derrida, para quem elas representam: *a necessidade do intervalo, a dura lei do espaçamento* (1973:245).

O *espaçamento* e as *fissuras* enquanto “algo” que escapa a uma ordenação metódica, constituem o *movimento do jogo*, a impossibilidade de uma organização totalmente fechada, que, ao lado da impossibilidade de um significado único, que seja independente de qualquer leitura e de qualquer perspectiva, corrobora a idéia de que o significado sempre é resultado da produção de um sujeito. A afirmação de que traduzir é transformar implica, assim, considerar o *jogo* linguístico, as diferenças, e suprir a ausência de centro e de origem, ocupando, apenas temporariamente, um lugar que poderá ser mudado, quando as perspectivas, o tempo e as circunstâncias também mudarem, e a tradução mostra bem isto.

Qualquer tradução, e até qualquer palavra, como afirma Derrida (1985), *extrai seu valor apenas da sua inscrição em uma cadeia de substituições possíveis, nisso que chamamos tão tranqüilamente um “contexto”* (p.392), podendo sempre haver uma outra tradução, ou uma outra palavra, que substitua a anterior em um contexto diferente.

A possibilidade de substituições e de transformações no interior de diferentes discursos ocorre graças ao *jogo*, à ausência de um *significado transcendental*, de um significado único e à possibilidade de relações dentro de um campo de significação. A ausência de centro é substituída por um signo flutuante, o *suplemento*, que ocupa um

lugar apenas temporariamente. O *movimento da suplementaridade* constitui o *movimento do jogo*, através do qual ocorre a tradução, já que é a partir do *jogo* que acontece a produção de significação.

Tanto o tradutor quanto o psicanalista assumem, na elaboração de seu trabalho, uma postura teórica embora não se fale explicitamente numa teoria de tradução ou numa teoria psicanalítica, há sempre referenciais teóricos imanentes a seu trabalho. No caso da tradução do texto de Thom, a minha visão da psicanálise, juntamente com as perspectivas da tradução, levaram a determinadas escolhas, sendo fiel a determinados fatores nesta situação específica, marcada principalmente pelo entrelaçamento de referências, característico da psicanálise brasileira.

O *jogo* constitui a possibilidade de substituições, que ocorre a partir da articulação dos elementos, marcada pelo *espaçamento*. Trata-se, então, de assumir a pluralidade de traduções, considerando-a importante para a psicanálise, para o reconhecimento dos vários grupos existentes e mais ainda: é necessário considerar a tradução para que existam diferentes desenvolvimentos. A influência da tradução ocorre desde o momento em que se fazem opções, produzindo sentidos, principalmente porque se considera o poder de decisão de uma determinada instituição que, por sua vez, está produzindo uma teorização, por meio de idéias e fundamentos expostos nos textos traduzidos.

Juntamente com Péraldi, podemos concluir que os *conflitos de tradução* são decorrentes de uma pluralidade presente na própria psicanálise e podem ser elucidados na medida em que aceitamos que a tradução é parte do *jogo complexo* de significações, caracterizado pela não delimitação do sentido, ou pelas substituições possíveis dentro de um contexto determinado. A tradução, enquanto produção de sentidos, terá efeitos sobre o discurso psicanalítico, ao mesmo tempo em que o aspecto multifacetado da psicanálise, implicará o desenrolar da *operação tradutória*. Há, portanto, uma influência recíproca: da mesma forma que a tradução exerce influência na psicanálise, ela também recebe influência da própria situação que ajudou a gerar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. (1995) A casca e o núcleo. In: _____. **A casca e o núcleo**. Tradução de Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Escuta, p. 191-212.
- ARROJO, Rosemary. (1992) (org.) **O signo desconstruído**. Campinas: Pontes.
_____. (1993) **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago.
- BETTELHEIM, Bruno. (1984) **Freud e a Alma Humana**. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Cultrix.
- CARONE, Marilene. (1989a) Freud em português: uma tradução selvagem. In: SOUZA, P. (org.). **Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989a. p. 160-166.
_____. (1989b) Freud em português: ideologia de uma tradução. In: SOUZA, P. (org.). **Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Ed. Brasiliense, p. 166-176.
_____. (1989c) Freud em português: tradução e tradição. In: SOUZA, P.(org.). **Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Ed. Brasiliense, p.176-188.
- DERRIDA, Jacques. (1971a) Freud e a cena da escritura. In: _____. **A Escritura e a Diferença**. Tradução de Maria B. M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, p.179-227.

- _____. (1971b) A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. **A Escritura e a Diferença**. Tradução de Maria B.M.Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, p.229-249.
- _____. (1973) **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1975) *Posições: Semiologia e Materialismo*. Tradução por Maria M. C. Barahona. Lisboa: Plátamo.
- _____. (1985) Des Tours de Babel. In: GRAHAM, J. F. **Difference in translation**. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1985. p. 209-248.
- FREUD, Sigmund (1905-1940). A Negativa. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção e revisão de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p.293-300.
- _____. (1990) **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 3.ed., v.1, 59-60, 197-201, 324-331.
- _____. (1970-1990) **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 24 vs.
- _____. (1987) A Psicologia dos Processos Oníricos. In: _____. **A Interpretação dos Sonhos - Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Trad. Walderedo I. Oliveira et al., direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 2ª ed., vs. 4 e 5.
- JUNKER, R. (1988) On the Difficulties of Retranslating Freud into English. In: TIMMS, E., SEGAL, N. **Freud in Exile**, EUA: Ed. Yale University, p.215-219.
- LACAN, Jacques. (1992) *Seminário 17: o avesso da psicanálise*. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.9-24.
- LAPLANCHE, J.; COTET, P.; BOURGUIGNON, A. (1992) **Traduzir Freud**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (1982) Connaître Freud avant de le traduire. In: **Meta: Psychanalyse et Traduction**. Les Presses de l'Université de Montréal, v.27, n° 1, mars, p.32- 36.
- MAHONY, Patrick. (1982a) Transformations et déconstruction parricide. In: **L'Oreille de l'Autre**. Québec, VLB Éditeur, p.127- 132.
- _____. (1982b) Towards the understanding of translation in psychoanalysis. In: **Meta- Psychanalyse et Traduction**. Presses Universitaires de l'Université de Montreal, v. 27, n° 1, p.63-71.
- _____. (1990) Para a compreensão da tradução na psicanálise In: **Psicanálise e Discurso**. Tradução de Lélia Gonzalez, revisão de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Imago, p.13-26.
- _____. (1992) **Freud como escritor**. Tradução de Elizabeth Saporiti. Rio de Janeiro: Imago.
- MICHAUD, Ginette. (1988) Freud: N.d.T. In: **Études françaises**. n° 24, mars, p.125-140.
- _____. (1989) Freud: n.d.t. ou Des Affects et Fantasmés chez les Traducteurs de Freud. In: **Études sur le texte et ses transformations**. TTR, v. 02, n° 02, p.105-127.
- PÉRALDI, François. (1982a) Le faux-sens. In: **L'Oreille de l'Autre**. Québec, VLB Éditeur, 1982a. p.173-176.
- _____. (1982b) Psychanalyse et Traduction. In: **Meta-Psychanalyse et Traduction**. Presses Universitaires de l'Université de Montréal, v.27, n° 1, mars, p.09-25.
- PINES, Malcolm. (1982) The question of revising the Standard Edition. In: TIMMS, E.; SEGAL, N **Freud in Exile**. EUA: Ed. Yale University, p.177-180.
- ROBERT, Marthe. (1982) Traduire Freud. In: **Meta- Psychanalyse et Traduction**. Presses de l'Université de Montréal, v. 27, n° 1, mars, p.29-31.

- SOUZA, Paulo C. (1989a) Nosso Freud. In: _____. (org) **Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, p. 155-159.
- _____. (1989b) A “nova” edição de Freud. In: _____. (org.) **Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Ed. Brasiliense, p.188-190.
- _____. (1994) Meandros da edição francesa de Freud. Folha de São Paulo, Ilustrada, 03 de julho, p.13.
- STEINER, Riccardo. (1988) Dis Weltmachtstellung des Britischen Reichs (Notes on the term “Standard” in the first translations of Freud). In: TIMMS, E.; SEGAL, N. **Freud in Exile**. EUA: Ed. Yale University, p.181-195.
- STRACHEY, James. (1990) Prefácio geral do editor inglês. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão, revisão de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 3.ed., v. 1, p.19-30.
- THIS, B.; THÈVES, P. (1987) Comment peut-on traduire Hafiz ... ou Freud? In: **Meta- Psychanalyse et Traduction**. Les Presses de l’ Université de Montréal. v. 27, n°1, p. 37-59.
- THOM, Martin. (1981) Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: a problem in the interpretation of Freud In: **The Talking Cure Essays in Psychoanalysis and Language**. Ed.Colin MacCabe, The Macmillan Press Ltd, p. 162-187.
- VIDAL, Eduardo A. (1988) Comentários sobre “Die Verneinung” In: **Letra Freudiana, Escola, Psicanálise e Transmissão**. Rio de Janeiro: Livraria Dazibao, Ano VIII, n° 05, p. 16-31.
- VOLICH, R.M. (1989) Os dilemas da tradução freudiana e Os postulados da razão tradutora. Folha de São Paulo, Folhetim, 30 de julho, p.02-06 e 06-11.